

## A INTERCULTURALIDADE E O FALANTE NATIVO DE INGLÊS: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA ATIVIDADE EXTRACURRICULAR<sup>1</sup>

Nicolas Vanderbrock <sup>2</sup>

Andressa Brawerman-Albini <sup>3</sup>

Ana Maria Dos Santos Garcia Ferreira Martins <sup>4</sup>

Aline de Mello Sanfelici <sup>5</sup>

### RESUMO

O seguinte relato apresenta uma experiência de mediação de uma atividade realizada com uma falante nativa de inglês, em um colégio estadual de Curitiba, Paraná, como parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da CAPES. Tem, como objetivo principal, refletir sobre a relação entre língua e cultura nos termos de Kramsch (1996) e o ensino de inglês na escola pública. Procura detalhar as atividades aplicadas com sugestões para serem replicadas em outros contextos. O evento foi composto por duas atividades, com quatro turmas de Ensino Médio, divididas em duas sessões. A experiência agrega à compressão de língua e cultura como interdependentes e sugere a necessidade do preparo do profissional para a atuação além da sala de aula.

**Palavras-chave:** Língua, Cultura, Inglês, Falante nativo, Escola pública.

### INTRODUÇÃO

Em uma percepção tradicional do ensino de língua estrangeira, a cultura é vista como uma habilidade alheia às outras quatro — escuta, fala, leitura e escrita — utilitárias, sem que seja compreendida como contexto cultural em que se exerce a língua. Nesse sentido, Kramsch (1993) propõe um espaço que possibilita o ensino de cultura dentro das habilidades

---

<sup>1</sup> A produção deste artigo se dá no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Inglês, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - PR. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da CAPES. E-mail: vanderbrock@alunos.utfpr.edu.br

<sup>3</sup> Doutora em Letras (2012) pela Universidade Federal do Paraná. Professora adjunta do curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - PR. Bolsista do Programa de Residência Pedagógica da CAPES. E-mail: andbraw@professores.utfpr.edu.br

<sup>4</sup> Doutora em Letras (2020) pela Universidade Federal do Paraná. Professora adjunta do Curso de Licenciatura em Letras Inglês, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - PR. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da CAPES. E-mail: anamartins@professores.utfpr.edu.br

<sup>5</sup> Professora orientadora: Professora do Curso de Licenciatura em Letras Inglês, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - PR. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da CAPES. E-mail: sanfelici@professores.utfpr.edu.br

linguísticas como alternativa às interações regulares da aula de língua estrangeira. Assim, evidenciando sua interdependência, estudantes tornam-se conscientes das diferenças culturais de forma que “o aprendizado de língua pode se tornar um processo de ganho de poder através de negociações de significados entre as línguas e culturas nativas e alvo” (BRAVERMAN-ALBINI; WERNER; MARTINEZ, 2014, p. 128). Parece cabível, então, que o professor de língua estrangeira atente-se à compreensão intercultural, proporcionando-a não pela mera apresentação de fatos, mas aprofundando-a na comparação e no contraste de culturas.

Além disso, dada a influência do inglês no contexto sociocultural brasileiro, é preciso tomar seu ensino além da obrigatoriedade, postulando-o como uma língua internacional e, como tal, mutável. Dessa forma, é esperado que os alunos saibam reconhecer a fala do inglês nativo enquanto modelo como uma possibilidade de escolha, mas não mais como alvo do ensino da língua (SILVA, 2020). Semelhantemente, é preciso identificar e refletir sobre a motivação do aprendiz de língua inglesa, buscando equilíbrio entre estudos orientados por metas de aprendizagem e orientados por metas de execução. Nos primeiros, para Marchesi (2004), os alunos procuram mais conhecimento e melhores resultados sempre que possível, à medida que os segundos se orientam, costumeiramente, por aprovação ou para evitar consequências negativas.

Assim, visando ao enriquecimento curricular dos cursos de licenciatura em Letras Inglês e profissional dos futuros professores, alunos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) puderam contar com o apoio de assistentes de ensino do programa *English Teaching Assistant* (ETA), realizado em parceria com a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e a Comissão Fulbright. O programa tem como objetivo o recebimento de cidadãos estadunidenses, falantes nativos de inglês, para desenvolver atividades de ensino e extensão nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, em sua maioria de cunho cultural e realizadas por meio de experiências e práticas inovadoras e interdisciplinares.

Ainda em parceria com a CAPES, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação, que tem por finalidade a iniciação à docência e o aprimoramento da educação básica pública brasileira. O programa, destinado a alunos na primeira metade dos cursos de licenciatura, tem por finalidade o aperfeiçoamento da formação docente em nível superior, por meio da inserção dos iniciandos no cotidiano de escolas públicas da educação básica. Entre elas, está o Colégio Estadual do Paraná (CEP), onde aconteceu a experiência de

mediação de uma atividade, realizada com uma falante nativa de inglês e alunos do sistema público de ensino, cujo relato é o objetivo do presente trabalho.

Localizado na capital paranaense, Curitiba, no bairro Alto da Glória, com fundação em 1846, o CEP atende anualmente cerca de 5.000 estudantes. É considerado o maior e mais antigo colégio público do estado, sendo uma escola urbana que atende, principalmente, os bairros da capital e a Região Metropolitana de Curitiba. A edificação comporta, além das salas de aula, laboratórios de informática, química, física e biologia, salas especiais para a Escolinha de Arte e para o Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM) – com oferta de idiomas como alemão, espanhol, francês e japonês – e área destinada a Educação Física e desportos, contendo piscinas, ginásio, campo de futebol e pista de atletismo (PARANÁ, 2023). Assim, nota-se a boa infraestrutura da escola que vem a favorecer a atividade docente.

## **METODOLOGIA**

Na UTFPR campus Curitiba, os programas ETA/Fulbright, PIBID e Residência Pedagógica/CAPES se encontraram na ação de extensão “Conhecendo uma falante nativa: mitos e verdades”. O presente relato se refere ao dia 16 de agosto, no Colégio Estadual do Paraná (CEP). A fim de proporcionar um ambiente de troca cultural e uso real do inglês aos alunos da rede pública, a ETA preparou exercícios de comunicação em língua inglesa e palestras visando ao contraste de aspectos culturais norte-americanos e brasileiros. O evento foi mediado por discentes participantes do PIBID, em constante colaboração com as professoras supervisoras.

A ação ocorreu no Salão Nobre, no centro do colégio, e foi composta por duas atividades, com quatro turmas de Ensino Médio, divididas em duas sessões com cerca de 1h30 cada, detalhados mais adiante. A primeira teve como premissa que os alunos soubessem apenas se tratar de uma falante nativa de inglês, omitindo, portanto, sua fluência em português. Assim, deveriam elaborar perguntas na língua comum para descobrir sua origem, nacionalidade, nome, idade, gostos e demais informações pertinentes. As professoras supervisoras do PIBID foram encorajadas a trabalhar vocabulário e colocações aplicáveis a tal conteúdo nas semanas que antecederam o evento. Na sequência, para a segunda atividade, a ETA revelou falar português e partiu para uma apresentação, em inglês na maior parte, sobre aspectos culturais estadunidenses com ênfase na educação superior e no acesso à saúde. Trouxe, ainda, características pessoais, histórias e experiências — como fotos na neve, em outros países e praticando esportes — para incentivar os alunos a comparar e contrastar suas

diferentes vivências. Eles foram, ao longo de toda a interação, convidados a participar, contribuindo com perguntas, histórias e comentários.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em ambas as sessões, as turmas presentes eram de 1º ano do Ensino Médio — indicadas por “1” + letra — com a diferença de uma se enquadrar na modalidade de Ensino Técnico Integrado em Teatro — representada por número + “TT”. Participaram da ação os alunos das turmas 1K, 1D, 1B e 2TT, dois bolsistas do PIBID, a coordenadora de inglês, a professora supervisora e seus convidados, entre outras pessoas relacionadas ao quadro pedagógico da escola.

Assim, o primeiro momento contou com a presença das salas 1K e 1D, compondo cerca de 60 alunos, e era esperada a participação da 1TT, ausente devido à discrepância de horários com a disciplina de Matemática. Em momento anterior, foi possível realizar observações e intervenções pedagógicas na turma 1D, de forma a identificar seu perfil comportamental. Após sete encontros em diferentes datas, constatou-se pouco interesse nas atividades propostas, nível de inglês iniciante, uso frequente e disruptivo de aparelhos celulares e baixa taxa de reação quando instigados. Observou-se, também, a formação de grupos de inclusão seletiva com interesses particulares contrastantes como fonte de atrito durante as aulas. Contudo, uma vez que a turma 1K não compunha a grade de aulas da professora supervisora, o primeiro contato com os alunos se deu durante o evento.

Ao chegarmos no Salão Nobre, 10 minutos antes do início marcado, os alunos já estavam dispostos nas cadeiras. Porém, os equipamentos necessários para a apresentação — projetor, caixa de som, microfone e computador — ainda que presentes, não estavam propriamente configurados, de maneira que seu ajuste atrasou o início em alguns minutos. Foi preciso introduzir os alunos ao evento e as atividades que seriam realizadas, uma vez que não houve contextualização anterior por parte da professora supervisora devido à mudança frequente de horários escolares. Feito isso, deu-se início à primeira parte, em que fariam perguntas para conhecer a ETA, como indicado anteriormente, por volta das 13h20.

Em princípio, os estudantes mostraram-se relutantes na comunicação em inglês. Porém, após algumas perguntas e ajuda dos pares, houve aumento no fluxo da interação. É interessante notar que as respostas da ETA se deram de forma a incentivar a progressão por meio de perguntas complementares, ainda que nem sempre compreendidas. Do total de participantes, destacaram-se seis alunos (aproximadamente 10%), por suas habilidades de

expressão e interação no idioma. Com relação às perguntas, percebeu-se, ao contrário do esperado, maior concentração de temas relacionados a hobbies, gostos e interesses que de informações geográficas ou sociais. São exemplos: “*Are you a cat person or a dog person?*”<sup>6</sup>; “*Are you reading any books?*”<sup>7</sup> e “*What team do you like?*” (soccer club)<sup>8</sup> — ao qual respondeu “Corinthians”.

Ainda no primeiro ciclo de atividades, o segundo momento teve como principal objetivo levar os alunos à reflexão sobre sua identidade e à troca cultural por meio da comparação e contraste com a apresentação realizada. Subitamente, a ETA surpreendeu-os com sua proficiência no português e mencionou pontos de interesse, *hobbies* e algumas curiosidades pessoais. Na sequência, como forma de ativar o conhecimento prévio, os estudantes foram divididos em grupos de três a cinco pessoas para discutir aspectos culturais que julgassem diferentes entre o Brasil e os Estados Unidos. Naturalmente, após os debates, mencionaram, em ordem de frequência, língua, cultura, comida, sistema de saúde e economia. Posteriormente aos resultados, a apresentação seguiu com ênfase em semelhanças e diferenças — como a imagética da Estátua da Liberdade, a colonização e questões de imigração — acompanhadas por maior elaboração no acesso à saúde e à educação superior. Neste momento, houve maior interação e engajamento nas perguntas.

É preciso notar que ao longo de toda a atividade, mesmo durante as discussões, um grande número de alunos, pouco interessados, priorizou o uso de celulares. Todavia, tal desinteresse não pode ser atribuído diretamente aos aparelhos sem que se considere o impacto da barreira linguística associada a sua proficiência em inglês. Ao perceber tal reação entre os alunos, a apresentadora questionou seu fazer-se entender, para o que responderam compreender apenas cerca de 40% do que ela falara em inglês até então. Assim, foi preciso utilizar o português com maior frequência.

Por fim, o tempo total da apresentação foi afetado por falas não previstas no planejamento anterior, ainda que de caráter enriquecedor. Em um momento, ao debaterem sistemas de saúde, um profissional, ex-aluno da escola, convidado pela professora supervisora para acompanhar a palestra, relatou sua experiência durante sua pós-graduação no país, comentando sobre os impactos da legislação de imigração no acesso à saúde. Em outro, a coordenadora pedagógica, após a leitura de um poema por uma aluna, comentou sobre a

<sup>6</sup> “Você gosta mais de gatos ou de cachorros?”.

<sup>7</sup> “Você está lendo algum livro?”.

<sup>8</sup> “Qual equipe você gosta [torce]?” (equipe de futebol, time).

importância do ensino e da prática da entonação na leitura de poesia, mencionando sua relação com a rede pública de ensino.

No intervalo entre os dois momentos de atividade, a ETA foi convidada a fazer um tour pelo Colégio Estadual do Paraná. Todavia, pouco antes, fomos convidados a visitar a turma 1TT, uma vez que não puderam participar do evento. Os alunos, então, tiveram a oportunidade de fazer algumas perguntas sobre a falante nativa. Apesar da brevidade da experiência, eles demonstraram bastante interesse. Na sequência, guiados pela coordenadora pedagógica, daríamos início a um tour pela escola, porém fomos interrompidos pela atividade “Plano de Abandono”, que estava em andamento. Nela, os alunos treinam como evacuar o complexo do colégio no caso de algum sinistro, como um incêndio. É notável a semelhança entre o exercício e os “*fire drills*” comuns ao Ensino Médio estadunidense, como observado pela ETA. Ela relatou um sentimento de não pertencimento ao ambiente escolar, uma vez que o visita como professora e não mais como aluna. Entretanto, ao presenciar a atividade de evacuação, comentou sentir-se novamente em seu Ensino Médio, marcado por práticas como essa.

Em seguida, houve a visita ao Museu Professor Guido Straube, parte do Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná, que tem por finalidade a preservação da memória da instituição e da educação no Estado. Em seu acervo, possui materiais didático-pedagógicos, documentos, livros, fotografias, mobília e uniformes, entre outros itens catalogados e restaurados ao longo dos anos. Durante a visita, fomos convidados a assinar o livro de visitantes e, coincidentemente, a ETA foi a milésima pessoa a assinar, recebendo um certificado para registrar o momento. Por fim, nota-se a inovadora iniciativa da equipe do museu na recuperação de molduras de quadro com o uso de modelagem odontológica em Alginato, preenchidas com gesso ortodôntico.

Após o intervalo, estiveram presentes as turmas 1B e 2TT. Na primeira, foi possível aplicar regências em momentos anteriores e, na segunda, o primeiro contato se deu durante a atividade. Diferentemente das anteriores, essas apresentam perfil similar, participativas, demonstrando grande interesse, principalmente, por atividades de cunho artístico-cultural, como constatado após cinco encontros em diferentes datas. Tal constatação foi frequente ao decorrer dos exercícios.

Ainda na primeira tarefa, convidados a fazer perguntas em inglês, houve significativa facilidade em localizar voluntários para o início. Surpreendentemente, a primeira aluna a ir ao microfone não se limitou a apenas uma pergunta. Em vez disso, foi capaz de manter um curto diálogo sobre as experiências anteriores da ETA e alguns de seus hábitos. Tal padrão se

sucedeu, observado em outros alunos, principalmente, da turma de teatro. Novamente, as perguntas concentraram-se mais em costumes e preferências do que em questões ligadas a seu país, embora mais frequentes, como forte indicativo da relação entre identidade, língua e cultura. Ficou evidente a maior fluência no idioma, evidenciada pelo menor receio por parte dos alunos em participar das atividades, de maneira que, mesmo quando incertos sobre pronúncia ou vocabulário, não deixavam de tentar se expressar e interagir.

Curiosamente, esse grupo duvidou se tratar, realmente, de uma falante nativa de inglês, acreditando ser uma brasileira com pronúncia e sotaque compatíveis com sua noção de inglês nativo. Quando questionados, atribuíram suas incertezas a características físicas e ao seu nome, Isabel, comum no Brasil. Além disso, as respostas da ETA para perguntas como “*What is your favorite food?*”<sup>9</sup> (Açaí) e “*Where do you live?*”<sup>10</sup> (Curitiba) contribuíram para seus questionamentos. Entretanto, ao descobrirem que ela fala português e notarem seu sotaque, tiveram suas incertezas sanadas. E, assim como o grupo anterior, demonstraram interesse por séries, animais de estimação, *hobbies*, viagens e demais experiências.

Uma vez que os recursos pedagógicos necessários já encontravam-se devidamente configurados, após o intervalo, e, não havendo participações excedentes ao planejado, a ETA pode dedicar mais tempo à interação com os alunos, engajando numa roda de perguntas ao fim da apresentação. Entre os tópicos discutidos, destacou-se o de intercâmbio e oportunidades de estudo no exterior, momento em que ela elaborou em sua experiência com o programa da Fulbright e a pós-graduação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, o evento proporcionou diversas oportunidades para a reflexão sobre a prática do professor de língua estrangeira e sobre a indissociável relação entre língua e cultura. De um lado, a atuação como mediador, no âmbito da iniciação à docência, evidenciou a necessidade do preparo do profissional para a atuação além da sala de aula, devendo estar preparado para as adversidades que possam ocorrer. Do outro, o uso de uma abordagem intercultural aparenta estar ligado ao aumento de interesse e engajamento entre os alunos, colaborando para a relação de interdependência entre língua e cultura, como evidenciado pela atividade. Desenvolvimentos futuros nesta linha de pesquisa incluem a investigação aprofundada dessa relação e do perfil do professor de língua estrangeira contemporâneo.

---

<sup>9</sup> “Qual a sua comida favorita?”

<sup>10</sup> “Onde você mora?”

A atividade se mostra como uma das inúmeras possibilidades de aproveitamento dos recursos da parceria CAPES e Comissão Fulbright, levando à escola pública experiências e oportunidades inovadoras no ambiente escolar e com imenso potencial de aprendizado. É preciso ponderar, todavia, que, para sua ideal realização e melhor aproveitamento, é necessário preparo da escola receptora, bem como dos alunos, sendo instruídos anteriormente. Além disso, a presença do falante nativo em sala de aula há que ser vista segundo uma metodologia que leve em consideração objetivos educacionais e uma estrutura pedagógica (BYRAM, 1989). Assim, seu impacto é tido como recurso educacional, não como ideal de aprendizagem.

Por fim, a comunicação em língua estrangeira pode ser fonte de estresse e insegurança quando não realizada em um ambiente acolhedor, de maneira que os alunos precisam ser constantemente incentivados a superar seus receios. Para isso, é fundamental o papel do *feedback*, devendo ser positivo e encorajador, reservando correções e modelagens necessárias a um momento posterior à atividade, uma vez que podem comprometer a experiência.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à CAPES pelas bolsas concedidas ao PIBID e à Comissão Fulbright pela bolsa concedida pelo Projeto de Assistente de Ensino Norte-Americano. Sem elas, a realização deste trabalho não seria possível.

## **REFERÊNCIAS**

BRAWERMAN-ALBINI, Andressa; WERNER, Maristela Pugsley; MARTINEZ, Cynthia. A importância do ensino de cultura na formação de professores de línguas. **Revista Soletras**, [S.L.], n. 26, p. 124-137, 7 fev. 2014. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/soletras.2013.7897>.

BYRAM, M. Cultural studies in foreign language education. Clevedon: Multilingual Matters, 1989.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús e cols. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. v. 3.



KRAMSCH, C.J. Context and Culture in Language Teaching. Oxford: Oxford University Press, 1993.

PARANÁ. Secretaria da Educação e do Esporte (org.). **CONSULTA ESCOLAS**. Escola Parana, C E Do-Ef M Profis. Disponível em: <http://www.consultaescolas.pr.gov.br/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SILVA, Gisele dos Santos da. **Cultura e representações do livro didático de língua inglesa do PNLD**. 2020. 196 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Letras, Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/69274>. Acesso em: 25 ago. 2023.